



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17499 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)
 ISSN: 2595-7945
 GT 15 - Educação Especial

A relação pedagógica com estudantes autistas e o (re)inventar de caminhos possíveis
 Thayane Azevedo Pereira de Souza - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro
 Agência e/ou Instituição Financiadora: Capes

A RELAÇÃO PEDAGÓGICA COM ESTUDANTES AUTISTAS E O (RE)INVENTAR DE CAMINHOS POSSÍVEIS

A escola contemporânea detém o compromisso de atendimento à diversidade humana. O paradigma da Educação Inclusiva convoca a (des)construção de crenças e culturas acerca do autismo e suas (im)possibilidades, pois no âmbito micro das relações, a desafiadora prática pedagógica com autistas ainda tem sido diretamente afetada pela dificuldade do professor no relacionamento com estes alunos, dada a falta de conhecimento acerca de suas singularidades.

O objetivo geral deste trabalho é analisar as características da relação pedagógica com os estudantes autistas e fomentar reflexões que promovam a (re)invenção das relações e práticas pedagógicas junto a este público. Buscou-se mais especificamente apresentar a perspectiva psicanalítica acerca da compreensão das características centrais do autismo; identificar as especificidades da relação pedagógica com o autista e indicar perspectivas, abordagens e recursos possíveis para o desenvolvimento de uma prática pedagógica ética.

O percurso metodológico se concretizou como um estudo de cunho bibliográfico em virtude da necessidade de isolamento social durante a pandemia de Covid-19. Para alcançar os objetivos estabelecidos, o enlace entre as temáticas autismo e relação pedagógica se deu por meio da Revisão Sistemática da Literatura, em três bases de dados, a saber: a

Scientific Electronic Library, a Biblioteca Virtual em Saúde Brasil e o portal de periódicos da CAPES. Após um refinamento de acordo com os critérios de inclusão/exclusão, 16 artigos foram selecionados.

No entanto, nos trabalhos encontrados nenhum versava especificamente sobre a relação pedagógica com o estudante autista, apontando assim para uma enorme lacuna na produção científica. Apesar disso, foi possível a identificação das nuances e atravessamentos que compõem a temática, possibilitando o desdobramento de quatro capítulos de cunho teórico que buscam comunicar os aspectos de sua complexidade.

A análise dos dados foi realizada a partir de três categorias que promoveram a interpretação e a inferência dos conhecimentos produzidos relacionados ao conteúdo analisado (Bardin, 2002). A primeira delas é a categoria “O autista” que discute os aspectos que perpassam a relação pedagógica com o estudante autista, como a compreensão sobre o autismo, suas características e a perspectiva dos professores sobre tais. A segunda, “O contexto”, discute as nuances que atravessam a relação pedagógica, como as políticas públicas educacionais na perspectiva inclusiva, a formação docente e as condições de trabalho. E por fim, a categoria “A prática pedagógica” que aborda questões pertinentes ao desdobramento da relação pedagógica: a prática com o autista, as intervenções e os recursos.

A categoria “o autista” permitiu perceber que a perspectiva a respeito das características dos autistas está intimamente relacionada aos critérios diagnósticos presentes no DSM-V (Diagnostic and Statistical Manual), pautando-se no prisma do déficit, da falta e das dificuldades em que esta condição impõe aos sujeitos. Em contrapartida a esta visão, Maleval (2015) propõe que no autismo existe uma lógica de funcionamento, um modo de ser e de estar que é distinto daqueles que não são autistas.

E a partir disso, três eixos fundamentais que caracterizam a estrutura autística foram identificados: o isolamento autístico, a imutabilidade e a posição peculiar no campo da linguagem que, quando articuladas, possibilitam o estabelecimento de laço social com esses sujeitos. Diante de tais características, é possível considerar que a relação pedagógica com o autista pode ser atravessada, indireta e mediada e que é imprescindível refletir sobre a voz na docência, uma vez que, talvez, ela precise ser apagada de sua enunciação, sussurrada, cantarolada, ou seja, (res)significada a depender do caminho que esse sujeito autista esteja trilhando para lidar com ela. Bialer (2017) sinaliza que isso pode se configurar como estratégias que amenizam a demanda na relação e possibilitam uma aproximação dada a

receptividade às manifestações tão singulares desses sujeitos, tendo em vista que essa não se finda na força, na repetição ou na contundência da palavra.

O fato é que na relação pedagógica com um autista, encontramos faltas, omissões, hiatos e vácuos, o que pode facilmente levar o educador que não considera o autismo como uma estrutura psíquica a crer que existe uma desobediência, uma insubordinação comportamental, fazendo com que haja um reforço ao discurso da impossibilidade de permanência do autista na escola, da necessidade de uma adaptabilidade prévia para habitar esse espaço e o que, para alguns, justifica a educação em espaços segregados.

Ao tratar de relação pedagógica, consideramos o caráter social da aprendizagem, sobretudo, a qualidade das interações sociais (Vygotski, 1997), contemplando o fato que a relação entre professor e estudante é permeada por processos inconscientes que, a depender da forma com que é conduzida, pode ter efeitos positivos e/ou negativos no processo de *ensinoaprendizagem*. A categoria “o contexto” revela justamente a fragilidade na qualidade das interações professor/aluno, indicando que há uma sensação de despreparo docente frente ao processo de inclusão escolar de estudantes autistas e isto perpassa diferentes nuances, entre elas, a formação e as condições de trabalho dos docentes. Diante dos estudos analisados, é possível ratificar que quando se trata do processo de aprendizagem de autistas, a reflexão sobre a própria prática, o planejamento colaborativo e centrado no sujeito promove uma formação mais efetiva voltada para o seu próprio contexto, favorecendo a relação pedagógica que de fato é atravessada por tais nuances, mas ao mesmo tempo, não deve ser interpelada por elas.

A categoria “a prática pedagógica”, revela que os impasses da adaptação do autista ao contexto escolar são muito presentes. Na análise das publicações é possível perceber que os professores/pesquisadores recorrem a estratégias e recursos de Comunicação Alternativa, Tecnologias Assistivas, Intervenção Mediada por Pares, ao Plano Educacional Individualizado, Ensino Colaborativo e ao Desenho Universal da Aprendizagem. No entanto, tais possibilidades por si só não garantem uma prática ética se o próprio sujeito autista não for tomado como ponto de partida, uma vez que é o saber/pensamento/comportamento não-normatizado do autista que pode disseminar o não-conformismo e o diferente no espaço escolar, fazendo com que a presença desse sujeito viabilize práticas pedagógicas criativas e inovadoras. A grande variabilidade de expressão subjetiva dos autistas faz com que também existam infinitas formas de como esses sujeitos lidam com a dinâmica das relações escolares.

O educador deve saber lidar com esse encontro frente ao estudante real que não responde como o esperado, entendendo que o autista tem particularidades na forma de se relacionar, pois se relacionar pedagogicamente com um autista requer suportar os “não-retornos”, “escutar os silêncios” e fazer dessas faltas implicadas (conscientemente ou não) uma invenção. Para tanto, é preciso que o olhar esteja pautado na investigação de caminhos possíveis para validar os interesses e desejos que estruturam as suas subjetividades. Esses caminhos só serão enxergados se a visibilidade estiver voltada para as suas potencialidades, para aquilo que o autista oferece como algo eminentemente diferente.

PALAVRAS-CHAVE: Autismo; Relação Pedagógica; Inclusão.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2002.

BIALER, M. A voz no autismo: uma análise baseada em autobiografias. *Estilos da Clínica*, 22.2: 268-282, 2017.

MALEVAL, J-C. Por que a hipótese de uma estrutura autística? *Opção Lacaniana*, (18), 1-40. 2015.

VYGOTSKI. Fundamentos da Defctologia: Obras Escogidas V. Madri: Visor, 1997.